

O que é afinal essa tal de dialética?

Leandro Konder

O que é, afinal, essa tal de dialética?
- Como sou o autor de um livrinho lançado pela Brasiliense e intitulado precisamente "O que é dialética", essa pergunta me tem sido feita com muita frequência.

Aproveito, então, esse espaço que a TRIBUNA DA IMPRENSA abre para mim e - contando com a paciência dos leitores - vou tentar prestar alguns esclarecimentos sobre o assunto.

No romance "Um belo domingo", de Jorge Semprun, o protagonista diz a seu amigo Barizon, num dado momento: "A dialética, meu velho, é a arte e a maneira de sempre cair de pé".

A palavra dialética assumiu uma significação nebulosa. Os marxistas, ao longo da história destes últimos cem anos, contribuíram para que o termo perdesse a precisão do seu valor denotativo e compensasse a perda com o crescimento do seu poder de alusão, quer dizer, com o fortalecimento tumultuado do seu valor conotativo.

Os militantes socialistas, os revolucionários formados na escola do pensamento de Karl Marx, passaram, em crescente medida, a associar a "dialética" a uma espécie de chave mágica que lhes abria a porta da compreensão da história. A "dialética" lhes permitia absorver todas as derrotas e lhes possibilitava uma assimilação "natural" do "lado noturno" da revolução à grande epopéia da criação da "sociedade nova". Não se sabia bem como isso se fazia, porém uma fé subterrânea assegurava aos bravos materialistas que eles, mesmo quando sofriam os golpes devastadores da repressão, mesmo quando jaziam nos cemitérios ou nas prisões, eram os parteiros do futuro brilhante. Impregnada de determinismo, a "dialética" se tornou, de fato, a arte de "sempre cair de pé".

Hoje, esse estado de espírito está obviamente ultrapassado. As experiências socialistas estão em crise. Os modelos estão falidos, já não se sensibilizam militantes numerosos e apaixonados, como no passado. Os marxistas estão sendo forçados a se reciclar e a consciência deles se tornou radicalmente mais desconfiada do que antes. O marxismo chegou, com trinta anos de atraso, ao que a romancista francesa Nathalie Sarraute chamou de "era da suspeita" (L'ère du soupçon). Cada revolucionário é desafiado a questionar não apenas o mundo, os outros, mas também a si mesmo. Cabe-lhe perguntar-se: estou agindo livre e criativamente ou estou sendo guiado

por uma compulsão cega? Estou fazendo a revolução ou somente dando vazão à minha neurose?

Para não se deixar paralisar pelas perplexidades, o pensamento comprometido com a transformação do real trata de se recompor, de repensar seus problemas, de refazer suas escolhas e de fundar em novas bases seus valores. Em nome da práxis, é preciso investir mais na teoria. E a questão da dialética volta a ser examinada, em termos distintos daqueles em que se transformara na arte de "cair de pé".

Se as contradições estão explodindo dentro e fora de nós, somos forçados a refletir sobre a riqueza e o vigor delas, que são maiores do que pensávamos; inclinamo-nos, então, naturalmente, pelo modo de pensar que privilegia o reconhecimento da insuperabilidade das contradições e, simultaneamente, nos ajuda a não nos deixarmos dominar por elas. Não se trata mais de "sempre cair de pé": trata-se de conseguir sobreviver aos tombos, tentar aprender com eles e trabalhar para levantar-se outra vez.

Nas condições atuais, a dialética possível é bem mais modesta que a de ontem. De algum modo, ela recupera a consciência da necessidade do diálogo, que estava presente no seu nascimento, na Grécia antiga. Dialética e diálogo são - não podemos esquecer isso - irmãos gêmeos: ambas as palavras provêm do prefixo dia (que indica reciprocidade) e de lêgein ou logos (o verbo e o substantivo do discurso da razão). A dialética, por conseguinte, nasceu incorporando, através do diálogo as razões do outro.



José Guilherme Merquior chamou a dialética de "senhora de costumes fáceis". E - o que é pior - ela encontra dificuldades para se defender da acusação. De fato, a dialética tem sido vista em situações altamente comprometedoras. O filósofo francês Maurice Merleau Ponty escreveu um livro intitulado *As aventuras da Dialética*, mostrando que, mesmo em épocas que não são de carnaval, a grande aventureira vestiu numerosas fantasias e se esbaldou em tremendas festas de embalo. Haveria algo para se dizer em favor da dama? Suponho que sim. Por isso, me animei a escrever o artigo que se segue.

CAINDO NA FOLIA

Império Serrano

"Histórias da nossa história"

de Jangada/Tico do Gato/Zito/1-brain/Solidão/Edgard do Agogô
canta: Tico do Gato

Deixei a minha mente vagar
E no rastro da memória
O Império vem mostrar
Histórias da nossa história

O rei, ah, o rei
Mandou vir de Portugal
Uma expedição colonial
Criando os primeiros vilarejos
Os engenhos de açúcar
Arriboaram o litoral
Arando e cultivando a terra
Trouxeram também os animais

A beleza da Índia
Encantou Caramuru
Era todo o seu tesouro
A linda Paraguaçu
Al chegou Maurício de Nassau
Com o progresso e a nobreza
Criou palácios e academias
culturais
Mas a união das raças e
seus valores
Expulsaram para longe os
invasores

OOO, bravos guerreiros
Brasil, sempre Brasil
O Brasil já era brasileiro

Sonho verde de esperança
Se expandia na ilusão
Na conquista de esmeraldas
Ouro e prata encravados
neste chão



Repolho pode roubar o show de Vanessa de Oliveira

Saindo a laser

O enredo é histórico - "Histórias da Nossa História" -, mas como Carnaval é Carnaval, a Império Serrano fará de seu desfile um verdadeiro show na Marquês de Sapucaí. Para mostrar como o Brasil foi dividido em Capitâncias Hereditárias, a chegada de Maurício de Nassau a Pernambuco e sua expulsão pelos portugueses, e ainda as entradas e bandeiras que alargaram as fronteiras do nosso país - de quebra descobrindo muito ouro e pedras preciosas - a verde e branco desce a Serrinha munida de todos os efeitos que os NCZ\$ 8 milhões de seu orçamento puderam comprar: raios laser fazendo chover esmeraldas sobre a avenida e talvez até desenhando a letra do samba da escola nos céus do Sambódromo. E mais: as bocas dos canhões de negro galeão holandês farão sua fumaça perfumar a Sapucaí desfile agora.

O carnavalesco Gil Ricon não mediu esforços para nada e até uma máquina de acetato a escola comprou. "Se não fossem as amizades, todos os efeitos que a Império programou sairiam no mínimo por NCZ\$ 800 mil. Do jeito que conseguimos, não passa dos NCZ\$ 200 mil." Isso, já contando com o raio laser que o francês Pierre Louis ficou encarregado de operar, e que precisa de um céu não muito limpo para funcionar. Não é por acaso que a escola soltará tanta fumaça pelo Sambódromo; afinal, uma ajuda a São Pedro não custa nada.

Mas a Império não terá apenas estas surpresas. A madrinha da Bateria dirigida por Tião Fuleiro (filho do con-

sagrado Mestre Fuleiro) e outros nove diretores será Vanessa de Oliveira, que até andou tomando aulas para melhorar a performance. Mas o percussionista Repolho pode lhe roubar o show, tocando timbales de cima de uma alegoria especialmente feita para ele e posicionada à frente dos 350 ritmistas. Repolho vem direto de um show em Los Angeles para o batismo de fogo no samba.

Quarta escola a atravessar o Sambódromo na noite de domingo, a Império sai com 13 carros, um deles todo em acetado dourado, com gigantesca caixa no centro: é o porta-jóias, de onde sairá o destaque Leila Matias, da Serrinha, fantasiada de bonequinha de biscoito. Veterano de velhos carnavales, Clovis Bornay faz as vezes de Maurício de Nassau a bordo do galeão holandês que Gil explica ser fiel à história até na reconstrução: tal como nas antigas embarcações, também a alegoria foi recoberta com betume, numa preocupação de autenticidade. Na "Batalha dos Guararapes", carro que resplandece em branco, o detalhe são as lâmpadas fluorescentes, que iluminarão de dentro todo o carro. Materiais que, diga-se de passagem, são todos "made in Brazil", refletindo a visão do presidente Oscar Lino, que quer trazer a Império de volta às suas origens, e já tem na cabeça os enredos dos três últimos anos. No fecho da escola, Velha Guarda se despede e termina o desfile com que a Império pretende fazer sua história e ganhar o carnaval 90.



A Portela desfilará a história

Samba multinacional

Vai ser apostando na emoção de seus 4.500 componentes e na grande brincadeira que é o carnaval que a Portela faz seu desfile de 1990. Até o símbolo da escola, a águia, aterrissa no Sambódromo diferente este ano: não mais em azul e branco, mas nas cores originais do pássaro: em creme e marrom abrirá o desfile do pessoal de Madureira, mexendo as asas e o pescoço, abrindo a cauda em leque e deixando sair no abre-fecho do bico o seu grunido por toda a avenida. Atrás dela, a Portela abre passagem para "E de ouro e prata este chão", enredo com que pretende arrebatar o título deste carnaval.

Sexta classificada em 89, por apenas uma diferença de quatro pontos da campeã, a escola pretende ir à frente, falando da riqueza e do folclore brasileiros, tema que o carnavalesco Sílvio Cunha dividiu em três setores. Enquanto o primeiro mostrará a variedade do artesanato nativo, da cerâmica marajoara aos santos de barro, rendas e objetos em palha e vime, o segundo explorará as festas religiosas, como o Círio de Nazaré, o Divino e as festas juninas. Em Cantos e Danças, o assunto será as congadas e maracatus, bumba-meu-boi, frevo, e - como não poderia deixar de ser - o carnaval.

Em nada disso Sílvio Cunha quer entrar numa de Spielberg e sair espalhando incríveis efeitos especiais pela Avenida. Pelo contrário, e até porque a escola sai lá pelas cinco horas da manhã, já com o sol alto nos céus - sua opção foi a de usar e abusar das

A dialética dos nossos dias se dialética a si própria: se relativiza por meio da atenção que é capaz de conferir às objeções alheias e às dúvidas que lhe vêm de fora. O espírito "triumfalista" do período de que estamos saindo agora conferiu certezas excessivas à consciência dos "dialéticos", tornou-os demasiadamente auto-suficientes, atrofiou-lhes a sensibilidade necessária para o reconhecimento da importância do diálogo. Quem possui uma ideia, com verdadeira convicção, é evidentemente possuído por ela; mas a dialética - reconhecendo a infinitude, a inesgotabilidade do movimento do real - deve induzir o sujeito a admitir que seu interlocutor, afinal, talvez tenha razão em algum ponto essencial que ainda não terá sido bem compreendido. Creio na superioridade do meu ponto de vista, sem dúvida; porém reconheço que o ponto de vista que se explicita no discurso do outro pode sempre me trazer algum elemento que me obrigue a rever algo da minha posição. Se não houver esse reconhecimento, não me abro, efetivamente, para ouvi-lo; e o diálogo não tem espaço para se realizar, fecundamente.

Hoje, portanto, a dialética reconhece a importância do pluralismo, que durante tanto tempo ficou entregue, de mão beijada, ao monopólio do pensamento liberal. A perspectiva do liberalismo clássico comprometia-o com certo formalismo conservador e lhe permitia descuidar-se das preocupações igualitárias, assumidas pelos democratas e pelos socialistas, empenhados em criar condições materiais concretamente paritárias para que os homens sejam efetivamente livres. O liberalismo se prendeu demais à defesa dos privilégios da propriedade privada. Os socialistas tiveram boas razões para criticá-lo. Cumpre reconhecer, no entanto, que nem todas as

preocupações liberais foram estereis. E agora a dialética - em sua função de autoquestionamento do pensamento socialista mais consequente - obriga os marxistas a resgatarem, da perspectiva deles, os princípios da alternância no poder e da pluralidade de partidos, os princípios da liberdade de organização e expressão do pensamento, os direitos e garantias individuais, o cuidado com a preservação das minorias.

Essa situação se reflete - não podia deixar de se refletir - na atitude dos marxistas em face da dialética. Não se trata mais, para eles, de utilizá-la como "chave" para abrir a porta que leva à compreensão da história; trata-se, antes, de aproveitá-la no sentido de promover aquilo que o jovem Marx uma vez caracterizou como "uma crítica implacável a tudo que existe". A tudo que existe, isto é, às condições externas e às condições internas de uma história que nunca está inteiramente feita e que depende sempre da nossa intencionalidade (do que pretendemos fazer).

No âmbito dessa crítica ilimitada, a dialética não pode deixar de interperlar-se, permanentemente. E, com isso, torna-se extremamente problemática, para ela, a pretensão de constituir algo como um "método científico" ou um conjunto de preceitos doutrinários prontos para serem aplicados a contextos diversos. Filosoficamente, a dialética só pode se debruçar, cheia de dúvidas, sobre si mesma.

Então, meu caro leitor, minha cara leitora, se você encontrar alguém "deitando regra" em nome da dialética, pode dizer tranquilamente a essa pessoa que ela não está sendo... dialética.

Wilma Homero

Portela

"É de ouro e prata este chão"

de Cila da Portela/Espanhol/Silvio Paulo
canta: Dedé da Portela

Eu segui a luz da poesia
As regiões mais distantes
E encontrei toda magia
De três raças tão amantes

Eu vi cacique adorando a lua
E caravelas colorindo o mar...
eu vi a dança de uma virgem nua
E as oferendas para lemanjá

Eu via a arte com o nome de folia
Desse chão se levantar
Tomar carona na ciranda da alegria
Dar a mão ao tempo e comigo brincar

Canta, meu cordel
Eu fiz de barro as imagens
lá do céu
E muíê renda

Tira essa renda que hoje eu quero e namorá
Me leva, minha luz, às tradições
Quero violas ao luar nesses sertões
Quero ser o rei dessa congada
General da marujada
Bicho solto nos cordões...

Meu sangue mesclou de vez
Em caiaopê, cateretês
Nos frevos, maracatus
mentiras, tus, anarriês...

Eu vi num colorido amanhecer
O sonho da Portela
acontecer...